

FIAPOS DE CARNE MATERNA ENTRE OS DENTES, OU A CRÔNICA DO SUICÍDIO AMBIENTAL EM RAPA NUI (Ilha de Páscoa)

José Maria Gomes de Souza Neto

Resumo

O artigo lida com o colapso ambiental ocorrido na Ilha de Páscoa (Rapa Nui) em finais da Idade Média. A partir do conceito de ecocídio proposto por Jared Diamond, discute os elementos que provocaram a catástrofe ambiental na ilha e suas consequências na sociedade rapanui.

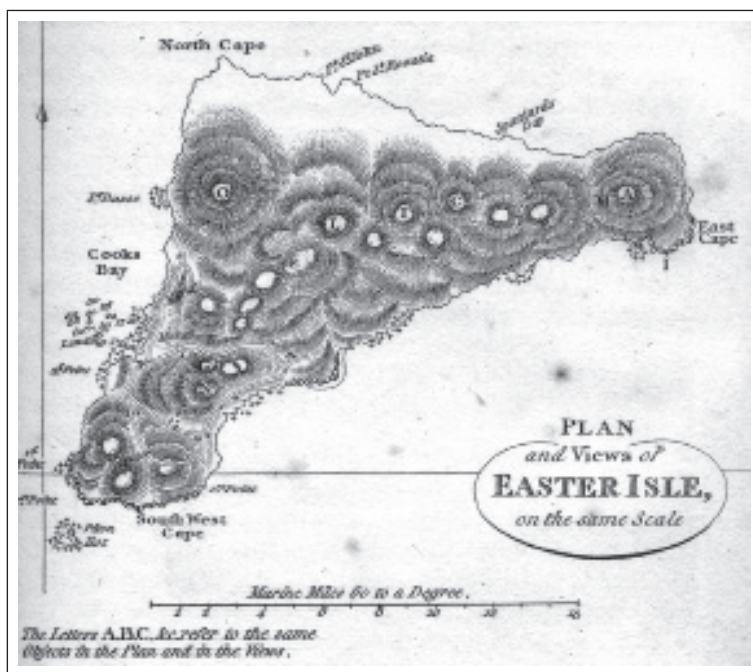
Palavras-chave: Rapa Nui (Ilha de Páscoa); Ecocídio; Colapso ambiental.

Abstract

The article deals with the environmental collapse that occurred on Easter Island (Rapa Nui) in the late Middle Ages. Using the concept of ecocide proposed by Jared Diamond discusses factors that led to environmental catastrophe on the island and its consequences over rapanui society.

Keywords: Rapa Nui (Easter Island); Ecocide; environmental collapse.

Avistar a Ilha de Páscoa é uma experiência inesquecível. Pequena, insignificante mesmo, rocha aflorada de um oceano de azul imaculado. Uma das primeiras coisas que chama a atenção é a sua forma triangular, retratada no mapa abaixo, de uma edição inglesa do diário de Jean-François de Galaup, conde de La Pérouse, um dos navegadores europeus que visitou a ilha no século XVIII.



O mapa exhibe algumas das características físicas mais importantes da Ilha. No Cabo Sudoeste, embora sejam mostradas três crateras apinhadas umas às outras, há, na verdade, um único e adormecido vulcão, o *Rano Kau*. Logo adiante, mar adentro alguns poucos quilômetros, estão as ilhotas de *Motu Kau Kau*, *Motu Iti* e *Motu Nui* – as duas primeiras nada além de afloramentos rochosos que se erguem, desafiadoras, vários metros acima do mar.

Deste Cabo Sudoeste (hoje chamado simplesmente Sul) até o norte, segue-se uma planície de relevo relativamente plano à altura do litoral que se acidenta à medida que se avança para o interior. Uma dessas elevações é uma outra cratera adormecida chamada *Rano Raraku* (localizada logo adiante dos pontos I e C), um local de essencial importância para a história local.

No Cabo Leste, na Península de *Poike*, fica a cratera de um outro grande vulcão, o *Puakatike*, donde, seguindo a costa sentido norte-noroeste, encontram-se os terrenos mais acidentados até chegar-se no seu ponto mais alto (marcado com um O no mapa): o vulcão *Teravaka*. Se em sua face mais meridional uma planície suaviza a paisagem junto ao mar, o mesmo não ocorre no lado norte, onde as montanhas terminam em abruptos penhascos lambidos pelas ondas.

A Ilha de Páscoa se estende por menos de 170km². Como aspecto de comparação, não chega a ter três vezes o tamanho de Itamaracá, e embora seja significativamente maior que Fernando de Noronha, tem somente uma fração da extensão da Ilha de Marajó.

Mas não é meramente uma questão de tamanho. Situando-se a mais de 2.000 milhas do continente mais próximo, a América do Sul, e a 1400 milhas do ponto habitado mais próximo – a Ilha Pitcairn, um Território Ultramarino Britânico – seus poucos milhares de habitantes residem no ponto habitado mais isolado do planeta, com meio Oceano Pacífico a separá-los do Chile, país ao qual a ilha está ligada desde o Tratado de Anexação de 1888.

As profundas valetas de escoamento d'água da capital (e única cidade ilhoa) *Hanga Roa*, com cerca de 2m de profundidade, indicam ao visitante de olhar atento que aquela é uma terra de chuvas intensas. Não obstante, aproximar-se da ilha em tempos de verão é deparar-se com uma paisagem desolada. O vento constante, o sol inclemente e o ar salgado ressecam de tal modo a vegetação que ela toma o aspecto de uma caatinga esturricada. Goiabeiras (*Psidium guajava*.) plantadas pelo governo chileno nas encostas do *Rano Raraku* mal conseguem lançar sombra sobre uma única pessoa, e as principais florestas da ilha são

formadas por eucaliptos (*Eucalyptus sp.*) igualmente trazidos do exterior pelas autoridades. Nos pontos onde não há cobertura vegetal a poeira se ergue em pequenos ciclones, capazes de cegar o passageiro. Essas nuvens de pó vermelho são percebidas ao longo de toda ilha.



A foto acima retrata este ambiente. Foi tirada em janeiro de 2011 nas encostas do *Rano Raraku* sentido sudoeste, e mostra a planície sul até as encostas do vulcão *Rano Kau* (último plano). Embora o primeiro mês do ano seja, naturalmente, um dos períodos mais secos, este em especial, estava particularmente árido, pois já fazia pouco menos de três meses que não chovia. Percebe-se bem a vegetação mirrada que se estende ao longo da vista.

A primeira descrição ocidental deste lugar provém do navegador holandês Jacob Roggeveen em 5 de abril de 1722. Ele escreveu:

De início, à certa distância, tomamos por arenosa a ilha porque consideramos areia a relva murcha, palha ou outra vegetação seca e escorchada. Tal ocorreu porque aquela aparência consumida não poderia provocar outra impressão que não a de singular pobreza e desolação¹.

¹ Roggeveen apud DIAMOND, Jared. "Easter Island's end". Disponível em <<http://www.hartford-hwp.com/archives/24/042.html>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2012.

Esta descrição da ilha não diverge em muito da paisagem que acabamos de descrever: mato baixo, ausência completa de árvores ou arbustos com mais de 20cm de altura (como somente no século XX o governo chileno efetuou o plantio das árvores, tal divergência se explica). Jared Diamond, biólogo e conhecido autor norte americano, observou que os estudos de botânica executados na ilha nas últimas décadas:

identificaram apenas 47 espécies de plantas maiores nativas da ilha: boa parte delas mato, capim e samambaias; duas pequenas espécies de árvores e outras duas de arbustos lenhosos. (...) Não havia nenhum animal nativo maior que insetos. Nada. Nem morcegos, aves não-voadoras, caracois ou lagartos².

Diamond continua citando os diários dos navegadores europeus que visitaram a ilha entre os séculos XVII e XVIII, e reporta uma observação do holandês Roggeveen: dada a desolação que os cercava, os ilhéus sequer possuíam material suficiente para alimentar o fogo, algo essencial nos invernos “frios, úmidos e ventosos”³. Meio século depois, quando um outro navegador, o capitão inglês James Cook, aportou na ilha ele descreveu os seus habitantes:

Como apontado pelo capitão Cook durante sua breve visita em 1774, os habitantes da Ilha de Páscoa eram polinésios (um taitiano que o acompanhava pode conversar com eles). E ainda assim apesar da reconhecida fama dos polinésios como homens do mar, os rapanui dirigiram-se aos barcos europeus, de Roggeveen e de Cook, nadando ou remando em canoas descritas por Roggeveen: como “frágeis e ruins” (...) Eram construídas colocando unidas muitas pranchas pequenas e madeiras leves no seu interior, as quais eram habilmente costuradas juntas com fios trançados bem finos. Como, todavia, desconhecemos material de calafetagem, ainda que amarrassem bem apertadas as múltiplas costuras das canoas, elas deixavam entrar água, e desperdiçavam metade do tempo escoando água⁴.

² DIAMOND, Jared. Easter Island's end. Disponível em <<http://www.hartford-hwp.com/archives/24/042.html>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2012.

³ Roggeveen apud DIAMOND, Jared. “Easter Island's end”. Op cit.

⁴ Idem.

Até agora evitamos, propositalmente, mencionar o mais conhecido aspecto da Ilha de Páscoa: suas imensas estátuas de pedra. Assim procedemos pois as gigantescas esculturas e a História ambiental⁵ da ilha ligam-se intrínseca e inseparavelmente, partes daquilo que Jared Diamond chamou de “ecocídio”⁶.

Como foi percebido pelo acompanhante taitiano do capitão Cook, os nativos da ilha de Páscoa eram polinésios. Noutras palavras, faziam parte de uma família linguística que se espalhava ao longo do Oceano Pacífico, num triângulo cujos vértices eram a *Aotearoa* (Nova Zelândia) ao sul, as ilhas Havaí (ao norte) e, finalmente, a ilha de Páscoa a leste. Os antepassados dessa gente navegaram, no último milênio AEC, desde os arquipélagos mais orientais da Melanésia (Ilhas Salomão, Vanuatu) até as ilhas Fiji, Samoa e Tonga, donde reprocessaram seu patrimônio cultural e deram origem à primeira cultura polinésia⁷, que seria levada oceano afora em suas embarcações.

Sendo típicos polinésios, a cultura pascoense desenvolveu-se

⁵ “A história ambiental versa sobre o papel da natureza na vida humana e procura identificar os processos que surgem da interação da sociedade com a natureza ao longo do tempo. (...) O principal fato da história ambiental consiste em construir (...) um canal que permita a comunicação entre natureza e sociedade”. SOLANO, Francisco Enríquez. Prefácio. In RODRIGUES, André Figueiredo; SILVA, Edson; AGUIAR, José Otávio (orgs.). *Natureza e cultura nos domínios de Clio: história, meio ambiente e questões étnicas*. Campina Grande: EDUFPG, 2012, p. 7.

⁶ “A suspeita de suicídio ecológico não intencional – ecocídio – vem sendo confirmada por descobertas em décadas recentes feitas por arqueólogos, climatologistas, historiadores, paleontólogos e palinologistas (cientistas especialistas em pólen). Os processos através dos quais as sociedades do passado minaram a si mesmas danificando o meio-ambiente dividem-se em oito categorias, cuja importância relativa difere de caso pra caso: desmatamento e destruição do hábitat, problemas com o solo (erosão, salinização e perda de fertilidade), problemas com o controle da água, sobrecaça, sobrepesca, efeitos da introdução de outras espécies sobre as espécies nativas e aumento per capita do impacto do crescimento demográfico”. DIAMOND, Jared. *Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso*. São Paulo: Record, 2005, p. 18, 19.

⁷ “Agora parece muito mais provável que as origens da cultura polinésia se encontrem dentro da região como um conjunto, um ponto de vista apoiado não apenas pela difusão da louça lapita, mas também por recentes estudos linguísticos que se afastaram, da ideia de que a língua compartilhada pelos primeiros povoadores se limitou a cindir-se em duas para criar as línguas ancestrais fijiana e polinésia (...) Atualmente se argumenta que uma sociedade arcaica polinésia característica emergiu por volta de 500 a.C.”. NILE, Richard; CLERK, Christian. *Austrália, Nova Zelândia e Pacífico*. Barcelona: Folio, 2006, p. 59, 60.

a partir da cultura polinésia. Falavam um dialeto oriental relacionado às línguas do Havaí e das Ilhas Marquesas e, segundo estimado pelas diferenças nos vocabulários, isolado desde cerca 400 EC, data que passou a marcar o início da colonização da ilha. Seus instrumentos (anzóis), suas plantas domesticadas (bananas, taro, batatas doces, cana de açúcar) e animais⁸ (as galinhas e os ratos), eram polinésios. Por fim, o DNA modernamente extraído de esqueletos da ilha relacionou-os definitivamente à sua ancestralidade ocidental⁹.

Ilha de Páscoa é, obviamente, um nome ocidental, que relembra a chegada do primeiro navio europeu, comandado pelo holandês Roggeveen, num domingo de Páscoa, 5 de abril de 1722. Quanto à denominação original da ilha, há grande controvérsia. O mundialmente conhecido topônimo *Rapa Nui* (“Ilha Grande”), embora originário da língua nativa, não é senão moderno, seiscentista, difundido pelos caçadores de escravos que então assolavam a ilha. O padre Sebastián Englert, que na primeira metade do século XX realizou precioso trabalho histórico coletando e compilando a tradição oral dos rapanui, apresenta uma outra designação:

En una de las versiones sobre el cataclismo aparece por primera vez el nombre de la isla: “Te Pito o te Henua”, que significa: Ombligo (o Centro) de la Tierra”¹⁰.

Esta explicação, conquanto tenha alçado fama, não mais se

⁸ Os polinésios também possuíam porcos domesticados, e embora esses animais fossem levados para várias ilhas do Pacífico, não chegaram a Rapa Nui. Talvez não tenham aguentado as longas travessias. O fato é que ao longo da História polinésia da ilhas criavam apenas galinhas.

⁹ “A mais antiga data apontada pelo carbono 14 associada às atividades humanas situa-se entre 400 e 700 EC, em razoável concordância com a aproximada data de assentamento de 400 EC estimada pelos linguístas. O período de construção de estátuas estendeu-se de 1200 a 1500, com algumas poucas, se alguma, delas erigida depois disso. A densidade dos sítios arqueológicos sugere uma grande população: uma estimativa de 7000 habitantes é amplamente aceita pelos arqueólogos, embora outros estimem números acima de 20.000, o que não parece de todo impossível dada uma ilha com aquele tamanho e fertilidade”. DIAMOND, Jared. “Easter Island’s end”. Op. cit.

¹⁰ ENGLERT, P. Sebastian. *La tierra de Hotu Matu’a*. 2ª ed. Rapa Nui, Chile: Rapa Nui Press, 2006, p. 19.

sustenta. Nem sequer a tradução “umbigo do mundo” é pacífica (pode remeter, igualmente, a “fim do mundo”), nem se pode referenciar com certeza que fosse especificamente esse, e não um dos outros topônimos ocorrentes na memória popular rapanui, o nome próprio da ilha. De qualquer modo, para fins de clareza utilizaremos daqui em diante Rapa Nui como o nome próprio do local¹¹.

Rapa Nui granjeou fama internacional graças às suas estátuas, chamadas *moai*. Esculpidas em rocha vulcânica, cerca de 200 delas ficavam assentadas sobre maciças plataformas de pedra conhecidas como *ahu*, construídas ao longo do litoral pascoense. Lá ficaram durante alguns séculos, até serem tombadas pelos próprios ilhéus durante conflitos tribais no século XVIII.



A foto acima mostra o aspecto atual de um *ahu*. Perceba-se que o *moai* está de frente pro interior – e de costas pro mar, portanto. Somente um único conjunto de estátuas, situado no mais alto ponto da ilha, fita

¹¹ Na verdade, na atualidade Rapa Nui se refere não somente à Ilha de Páscoa, mas também aos seus habitantes de etnia polinésia e à língua por eles falada. Para diferenciar estas últimas, optamos pela grafia “rapanui”.

o oceano. As pedras maiores (logo abaixo da base da estátua) são o altar propriamente dito, erigido com pedra vulcânica e robustamente edificado para suportar a grande tonelagem das estátuas. Mais adiante, à altura do rosto da estátua tombada, o grupo de pedras menores remonta à parte dianteira do *ahu*, calçada com pedras menores que demarcavam o campo santo.

Estas grandes estátuas não remetiam a divindades reverenciadas pelos ilhéus. Antes, celebravam os chefes das tribos rapanui. Quando cada um destes homens importantes (há pelo menos um moai feminino) falecia, sua estátua era carregada até o *ahu* e se juntava aos seus antepassados falecidos. Como explicou o padre Englert:

Los moai maëa no representaban a dioses, sino a difuntos; por eso los llamaban “arina ora”, que literalmente traducido significa: “rostros vivos”, o sea, retratos vivos (...) Eran pues efigies de personas de rango, de los Ariki y jefes (...) Cada moai llevaba el nombre de la persona que representaba. Hoy día quedan solamente unos pocos de esos nombres en la memoria de los nativos”¹².

Os *ahu* eram lugares de enterramento secundários desses chefes. Após sua morte, procedia-se ao funeral, e uma vez que os ossos estivessem limpos eram transportados para as plataformas e enterrados abaixo do respectivo *moai*¹³.

Além das duas centenas de *moai* erigidos na costa, quase 700 outros espalham-se pela ilha, nos mais variados estágios de produção. Boa parte deles foi esculpida numa única pedreira, localizada no vulcão *Rano Raraku*.

¹² ENGLERT, P. Sebastian. *La tierra de Hotu Matu'a*. Op. cit., p. 93.

¹³ “En todos los ‘Ahu’ (...) hay nichos o cámaras sepulcrales, llamados ‘avanga’, destinados para los restos mortales, o más bien, para los esqueletos; porque era costumbre sepultar los cadáveres después de estar desecados”. Idem, p. 97.



Esta pedreira dista quase 10km do ponto mais próximo da costa, onde estão situados os ahu, e a despeito da altura da cratera e do tamanho significativo dos *moai*, os *rapanui* desenvolveram meios de engenharia para descer as estátuas esculpidas das escarpas vulcânicas e, depois, carregá-las até seus locais definitivos.

Rano Raraku é um extraordinário sítio arqueológico. Nele, centenas de moai nos mais variados estágios escultóricos repousam. Há cabeças esculpidas sem o corpo no interior da cratera, moai gigantesco que nunca chegaram a deixar o leito rochoso (o maior de todos, se tivesse sido completado, teria ultrapassado os 30m de altura e 270 toneladas de peso), e vários outros que, embora terminados, permanecem em pé na encosta como se em exposição estivessem. Ao todo, o sítio possui cerca de 400 estátuas.

A tradição oral rapanui lembra que os trabalhadores de *Rano Raraku* eram pagos por seu trabalho especializado em “iguarias desejáveis”, fato que começa a ser comprovado por descobertas arqueológicas¹⁴:

¹⁴ “Interestingly, Rapa Nui oral traditions say that statue carvers were paid for their talent

Ahora pagan con comida a los escultores y a los hombres encargados de traer pescado, langostas, anguilas, atunes. Llegan, pues, los encargados de pesca y los escultores, y les traen comida, anguilas, pescado, caña de azúcar, toda clase de comida¹⁵.

As estátuas de Rapa Nui impõem questões a todo aquele que as observe. Primeiro, como um povo numericamente tão pequeno, que dispunha de recursos tão limitados e preso a uma ilha completamente descarnada, poderia ter edificado obras de arte de tal requinte e volume. Este enigma já estava aparente para os navegadores que chegaram à ilha no século XVIII¹⁶. E mesmo um pesquisador bem mais recente, o explorador norueguês Thor Heyerdahl, sem conseguir divisar explicações locais, sugeriu, na década de 1940, uma colonização da ilha por elementos oriundos do Peru¹⁷.

Nem mesmo os próprios habitantes tinham conhecimento de como seus antepassados haviam logrado movimentar pedras tão grandes. Embora algumas lendas mencionassem cordas trançadas para rebocar e toras de madeira servindo de rolamentos (método hoje aceito pela comunidade científica), outras simplesmente diziam que os moai andavam sozinhos a noite, ou eram movidos pelo *mana*¹⁸ dos antigos reis.

and effort in desirable food, including especially tuna and lobster. At the deepest level of our excavation this season we found tuna vertebrae!” VAN TILBURG, Jo Anne. Excavation Season V, October-November, 2011. Disponível em Easter Island Statue Project <http://www.eisp.org/4119/>, acesso em 17 de fevereiro de 2012.

¹⁵ ENGLERT, P. Sebastián. *Leyendas de la Isla de Pascua*. Rapa Nui: Museum Store Rapanui Press, 2010, p. 107.

¹⁶ Roggeveen apud DIAMOND, Jared. “Easter Island’s end”. Op. cit.

¹⁷ “Os misteriosos monólitos da Ilha de Páscoa e todas as outras relíquias de origem desconhecida existentes nessa ilha pouco exposta, a qual fica em completa solidão a meio caminho entre as ilhas mais próximas e a costa sul-americana, deram ensejo a todo tipo de especulações. Muitos repararam que os achados da Ilha de Páscoa faziam lembrar de muitas maneiras as relíquias das civilizações pré-históricas da América do Sul”. HEYERDAHL, Thor. *A Expedição Kon-Tiki*. São Paulo: Melhoramentos, s/d, p. 14.

¹⁸ “Afirman que en aquellos tiempos, existía el ‘mana’ o poder magico de hacer andar a los moai hasta la misma plataforma de los ahu”. ENGLERT, P. Sebastian. *La tierra de Hotu Matu’a*. Op. cit., p. 96.

Um outro contracenso: ainda que a crônica europeia tenham ressaltado a fragilidade das canoas nas quais navegavam os rapanui, eles descendiam dos polinésios, povo que desenvolveu a tecnologia náutica mais avançada de sua época. Mais: a tradição oral dos ilhéus guardou na memória viagens até as ilhotas desabitadas de Sala y Gomez, distantes 260 milhas e muito além do alcance das tais canoas. Como, então, eles poderiam ter, primeiro, chegado à ilha e depois, a partir dela, seguir ainda mais longe? E como se tudo isso não fosse suficiente, há fortes indícios de que navegadores rapanui chegaram a atingir a América do Sul, como se pode ver na foto a seguir:



Ela mostra as pedras do *ahu* mais recente de toda ilha, localizado na praia de *Vinapú*. A tecnologia de construção dessas plataformas de pedra era uma tradição polinésia (pode ser encontrada em todas as ilhas por eles ocupadas) e consistia no empilhamento ordenado de pedras e cascalho. Este *ahu* específico, porém, possui um corte sofisticado de lajes de basalto de encaixe perfeito, único em toda Rapa Nui e semelhante ao que se pode ver nas ruínas peruanas. Este fato, somado a várias outras evidências, leva a crer num contato trans-pacífico, algo que

não seria absurdo dada a tecnologia marítima polinésia, mas que diante da carência de recursos naturais e humanos de Rapa Nui pareceria impossível. Da mesma forma, a edificação de estruturas tão pesadas, a produção e transporte de tamanhas estátuas e a tradição oral de longas viagens marítimas sugeriam uma sociedade muito diversa daquela que os navegadores europeus encontraram e descreveram.

Em resumo, nas condições precárias nas quais viviam, contando com os poucos recursos naturais de sua ilha natal e com a limitada população, os rapanui não poderiam ter feito nada do que, efetivamente, fizeram. Esta aporia durou séculos, e somente nas últimas décadas a hipótese do “ecocídio”, como bem definiu Jared Diamond, seguidamente trabalhada e confirmada pelas escavações arqueológicas, vem trazendo uma solução na qual um colapso ambiental de proporções épicas levou a uma severa perda tecnológica e humana no decorrer de um período histórico definido (do século IX ao XV).

A feitura e transporte das estátuas representaram imenso desafio. Dada sua quantidade e sofisticado acabamento, demandaria uma população em muito superior às 2000 almas encontradas pelos navegadores. Além disso, esta sociedade precisaria ser bem organizada, uma vez que as matérias-primas necessárias distavam umas das outras. Segundo Diamond, da pedreira *Rano Raraku*, próximo à ponta norte, vinha a pedra negra talhada para os corpos do moai; dum outro sítio, *Puna Pau*, no sudeste, provinham as coroas de pedra vermelha que ornavam as cabeças das estátuas mais recentes; as ferramentas eram oriundas de *Aroi*, no noroeste da ilha. As melhores terras agriculturáveis, por sua vez, situavam-se no sul e no leste, enquanto os melhores campos de pesca no norte e no oeste. Em que pese a pequena extensão da ilha, extrair e redistribuir esses produtos certamente demandou um complexo arranjo político, o qual encontra eco na tradição oral da ilha, que canta uma sociedade hierarquizada e com trabalhadores especializados.

Numa das lendas compilada pelo padre Englert, o primeiro chefe da ilha, *Hotu Matu'a*, dividira os colonizadores em oito tribos maiores e quatro menores, separando para cada uma delas uma fatia

do exíguo terreno¹⁹. Cada uma dessas tribos abrigava profissionais de especialidades diversas:

Los *matatoa* eran como jefe militares (...) Los *tumu ivi Atua* y *timo rara ika* ejercían ciertos ritos religiosos. Los *paoa* eran guardias o policiales, sujetos a las órdenes del *matatoa*. Los *maori rongorongo* eran maestros de escuela que ejercían y enseñaban el arte de leer y escribir los signos de las tabletas “*kohau rongorongo*”. Los *maori anga hare*, constructores de casas (...) Los *maori anga moai* y *maori anga ahu* dirigían el trabajo de esculpir las estatuas de piedras y de levantar los ahu o monumentos funerarios. Los *tangata keukeu henua*, o agricultores (...) Los *tangata tere vaka* (...) pescadores de profesión en alta mar”²⁰

Este quadro retrata um arranjo social suficientemente complexo para dar cabo às diversas exigências que a produção de monumentos de pedra e cal exige: especialistas nas artes de cortar, talhar e esculpir a rocha; agricultores e pescadores, responsáveis pelo abastecimento dos seus conterrâneos que não mais produziam alimentos; trabalhadores que rasgaram por toda ilha as estradas necessárias ao deslocamento dos moai. Mais uma vez, porém, a questão se coloca: nada além da memória e dos monumentos restava dessa organização social no século XVII.

Vinte pessoas, usando tão-somente cinzeis de pedra, afirmou Diamond, levariam cerca de um ano para entalhar completamente uma estátua. Com bastantes madeira e fibra para encordar, grupos de no máximo algumas centenas de pessoas poderiam ter colocado as estátuas em trenós de madeira, arrastando-as depois por sobre trilhas de madeira ou rolamentos, e usando troncos como alavancas para colocá-las de pé. Havia uma espécie vegetal na ilha que poderia fornecer fibra para cordas: a planta *hauhau* (*Hibiscus tileaceus*). Quando os europeus chegaram à ilha, contudo, estas árvores nativas eram já extremamente

¹⁹ “(...) no es de extrañar que se desarrollara cierto ‘patriotismo local’, por decirlo así. Por pequeña que sea la isla, cada uno hablaba de ‘su tierra’ – no en sentido de la isla en general – sino de la zona de su clan. En esta zona quería morir y quedar sepultado”. ENGLERT, P. Sebastián. *La Tierra de Hotu Matu’a*. Op. cit., p. 52.

²⁰ Idem, p. 51.

raras, e o manejo de uma única estátua exigiria centenas de metros de corda. Teria a agora desolada ilha abrigado, um dia, vida vegetal mais luxuriante?

John Flenley, palinólogo da Universidade de Messey, Nova Zelândia, iniciou sua pesquisa em 1977, um dos primeiros cientistas deste campo a trabalhar em Rapa Nui. Escolheu os três lagos formados pelas crateras vulcânicas, as maiores reservas de água doce da ilha, e retirou do fundo desses pântanos colunas verticais de sedimento, as quais foram coletadas e analisadas, estando os depósitos mais recentes situados relativamente mais acima. Através da datação pelo radiocarbono, cada camada tem sua idade determinada, enquanto a análise microscópica identifica o pólen presente nesse sedimento. Os minúsculos grãos são, pois, contados e comparados com similares de plantas hoje existentes, identificando assim as espécies vegetais.

A aplicação de tal método na pesquisa da ilha revelou uma realidade desconcertante. Durante os 30.000 anos anteriores ao estabelecimento dos polinésios, Rapa Nui não fora a terra descarnada que se conhece nos últimos três séculos, e sim uma floresta subtropical que prosperou em isolada exuberância, com árvores e arbustos lenhosos que se erguiam por sobre um solo repleto de moitas, ervas, samambaias e capim. Nesta mata vicejavam margaridas epífitas, a já citada planta hauhau e o *toromiro* (*Sophora toromiro*), de boa madeira. A árvore mais comum, todavia, era a palmeira *Paschalococos disperta*, cuja altura ultrapassava os 20m. Seu pólen abundava nos estratos mais antigos das amostras de sedimentos recolhidas. Aparentada com a Palma do Chile (*Jubaea chilensis*), como esta deveria produzir seiva adocicada, coquinhos e palmito comestíveis.

Pilhas de dejetos legadas pelos antigos ilhéus dão uma ideia do mundo animal que a ilha e seus arredores abrigavam. As águas de Rapa Nui são frias demais para o florescimento de corais, e com exceções pontuais suas costas são acidentadas, duas características que não favorecem a pesca. Logo, o consumo do pescado era relativamente modesto: segundo Diamond, fato único em toda Polinésia, no período

de 900 a 1300 as espinhas de peixes representavam menos de ¼ dos ossos encontrados, enquanto que ossos de cetáceos respondiam por quase 1/3 dos restos. Maiores animais acessíveis ao consumo humano, os mamíferos marinhos seriam arpoados no mar alto a partir das canoas feitas com os troncos das palmeiras.

Para os pássaros, a remota Rapa Nui representava um paraíso sem grandes predadores, – pelo menos até a chegada dos humanos. Grande número de aves marinhas (Diamond menciona “cifras prodigiosas”) lá se reproduzia: albatrozes, atobás, fragatas, fulmaros, petreais, dentre outros, de um total de pelo menos 25 espécies. Além delas havia também aves nativas da ilha, como corujas, garças, papagaios e galinhas d’água, um espectro muito semelhante à fauna dos demais arquipélagos que compõem a Polinésia.

Quando de sua migração original, os polinésios trouxeram consigo em suas canoas alguns seres vivos. Várias plantas cultiváveis, das quais apenas a fruta-pão (*Artocarpus incisa*) não se adequou ao clima mais frio da ilha. Presas em engradados vieram galinhas (*Gallus gallus domesticus*), chamadas *moa*, e como clandestinos os *kiore*, ratos polinésios (*Rattus exulans*). Estas embarcações repletas de vida alienígena mudariam a face de Rapa Nui.

É comum vincularmos o desequilíbrio ecológico à civilização ocidental judaico-cristã. Como argumentou Keith Thomas,

Em 1967 o historiador americano Lynn White Jr. Descreveu o cristianismo, em sua forma ocidental, como “ a religião mais antropocêntrica que o mundo já viu”; e seu breve artigo culpando a Igreja medieval pelos horrores da poluição moderna tornou-se quase uma bíblia para ecologistas de nossos dias”²¹

Tal percepção é falaciosa, como logo adiante redargue o mesmo autor:

²¹ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 29.

Os problemas ecológicos não são exclusivos do Ocidente, pois a erosão do solo, o desmatamento e a extinção das espécies tiveram lugar em partes do mundo onde a tradição judaico-cristã não teve qualquer influência. Os maias, os chineses e os povos do Oriente Próximo foram capazes de destruir o meio ambiente sem a ajuda do cristianismo²².

A destruição do meio ambiente não pode ser compreendida como mácula intrínseca à civilização ocidental, fato que a trajetória histórica dos polinésios no Pacífico deixa claro. A experiência ocorrida em Rapa Nui foi, tão somente, o exemplo extremo de um comportamento predatório que acompanhou os navegadores em suas pirogas oceano afora. Desenvolvedores da mais sofisticada tecnologia náutica de seu tempo e senhores de amplísimos conhecimentos sobre correntes oceânicas e ventos, os polinésios espalharam-se por uma área mais de duas vezes o tamanho do território brasileiro. E da Nova Zelândia ao Havai e Rapa Nui, a extinção de espécies únicas atracou nas praias com os recém-chegados. Na mesma época em que os rapanui consumiam sua ilha, os polinésios conhecidos como maoris chegavam à Nova Zelândia, e bastou um século de sua presença para que as onze espécies de moas²³, aves *Dinornithiformes* incapazes de voar, e cuja maior espécie podia atingir quase 4m de altura, fossem extintas pela caça excessiva.

Sim, a experiência rapanui foi o extremo da cultura polinésia. Em vários sentidos. Foi o ponto mais afastado no qual chegaram, e diferentemente de outras populações não se estabeleceram num arquipélago, mas numa ilha única e pequena, da qual passaram a depender exclusivamente. Utilizaram-na até a quase absoluta exaustão, e quando esta terra não mais pode sustentá-los foram condenados.

Habitante de uma ilha fértil, a população rapanui floresceu aos milhares. Embora números precisos não existam, as estatísticas mais amplamente aceitas propõem uma população de 7000 habitantes, enquanto outras, mais ousadas, chegam a falar de 20.000 pessoas.

²² Idem, p. 31.

²³ Nas línguas polinésias, a palavra moa significa simplesmente ave. Assim, tanto as galinhas em todas as suas fases e sexos (frangos, galos, galinhas) quanto as aves não-voadoras da Nova Zelândia eram assim chamadas. O termo moa, porém, tornou-se internacionalmente aceito para designar as aves neozelandesas.

A tradição oral rapanui preservou na narrativa da vida nesses tempos, um quotidiano que não diferia daqueles existentes nas outras ilhas do Pacífico. Chefias hierarquizadas, com divisão social do trabalho; sofisticada vida espiritual, cheia de proibições sociais chamadas *tabu*; preocupações com doenças (em especial a asma); vestimentas limitadas a tangas; a prática do *ngaru*, atividade conhecida também no Havai que deu origem ao atual esporte do surfe:

Primero hacen el *ngaru* com ayuda de tablas. Saltan al mar y van nadando hasta llegar al lugar donde se ponen en la tabla. Se acerca una ola y llega hasta la parte trasera. Al elevarse la ola, ponen la tabla adelante y montan con el pecho sobre ella de modo de descansar encima²⁴.

Os registros sedimentares coletados em Rapa Nui atestam que o desmatamento estava em marcha por volta do ano 800, poucos séculos após a chegada humana. Ampliou-se a presença de carvão, indicando queimadas, enquanto o pólen das árvores e palmeiras rareava progressivamente, sendo substituído pelos das ervas das clareiras e descampados que surgiam.

Por volta de 1400 a *Paschalococos dispersa* estava extinta. Seus troncos e palmitos certamente ataçaram o apetite humano, mas estes não foram os únicos responsáveis por essa extinção: também os *kiore*, clandestinos insidiosos que tinham cruzado o oceano nos barcos, representaram um papel fundamental nesse processo. Na ilha, o único predador que punha risco à sua existência era o homem, e conquanto os ossos dos roedores abundem nos extratos arqueológicos, o consumo humano representou pequeno risco ao seu crescimento. Sua população, afirma Diamond, pode ter chegado a vários milhões. Estes dentuços famintos devoravam os coquinhos das palmeiras numa proporção acima de sua capacidade de regeneração. Ao fim e ao cabo, a pressão imposta por homens e ratos foi demais para a espécie, que sucumbiu.

Outras plantas tiveram um pouco mais de sorte. A árvore *hauhau*, embora se tornasse mais e mais rara, não chegou a se extinguir; quanto

²⁴ ENGLERT, P. Sebastián. *Leyendas de la Isla de Pascua*. Op. cit., p. 181.

ao *toromiro*, no século XX restava um único exemplar dessa árvore na ilha. Afortunadamente, a espécie fora levada para jardins botânicos e agora está em curso um projeto para reintroduzi-la em Rapa Nui.

A crescente população da ilha desmatou num ritmo superior ao que a floresta tinha condições de suportar²⁵. As terras tornavam-se plantações; os troncos, lenha, canoas, casas e transporte para as estátuas. Nesse passo os rapanui cavaram sua própria sepultura. Com o fim dessas espécies, ficaram sem fontes de fibras para cordame, sem madeira, não apenas para transportar e erigir suas estátuas mas também, e principalmente, para construir as embarcações das quais dependia sua alimentação. Estavam, então, presos à sua pequena ilha.

Como se percebe, este processo de extinção não atingiu apenas uma ou outra espécie exposta ao risco, mas sim todo o ecossistema²⁶. Não apenas a palmeira se extinguiu, mas a floresta como um todo fora consumida. Mesmo a água doce, sem a cobertura vegetal que diminuía a evaporação, tornou-se mais rara. A introdução de uma espécie predatória, o rato, desequilibrara a ecologia local.

Obviamente, tal processo destrutivo não se restringiu ao mundo vegetal, e o impacto da vida animal foi igualmente extremo: todas as espécies de aves, sem exceção, foram extintas²⁷. Estabeleceu-se um ciclo

²⁵ Esse ímpeto pela destruição foi bem resumido pela grande bióloga norte-americana Rachel Carson; embora ela não se referisse especificamente a Rapa Nui, sua definição cabe como uma luva: “à medida que o ser humano avança rumo a seu objetivo proclamado de conquistar a natureza, ele vem escrevendo uma deprimente lista de destruições, dirigidas não só contra a Terra em que ele habita mas também contra os seres vivos que a compartilham com ele (...) De acordo com a filosofia que agora parece guiar nossos destinos, nada nem ninguém deve se colocar no caminho do homem armado”. CARSON, Rachel. *Primavera silenciosa*. São Paulo: Gaia, 2010, p. 83.

²⁶ “O quadro geral situa-se entre os exemplos extremos de desmatamento em qualquer parte do mundo: toda a floresta se fora e quase todas as suas espécies estavam extintas”. DIAMOND, Jared. “Easter Island’s end”. Op. cit.

²⁷ Uma primavera silenciosa se estendeu sobre Rapa Nui, semelhante àquela observada por Rachel Carson nos EUA: “chega agora sem ser anunciada pelo regresso dos pássaros, e as manhãs, outrora preenchidas pela beleza do canto das árvores, estão estranhamente silenciosas. Esse súbito silenciar do canto dos pássaros, essa obliteração da cor, da beleza e do encanto que as aves emprestam ao nosso mundo se deu de forma rápida e insidiosa, sem ser notada por aqueles cujas comunidades ainda não foram afetadas”. CARSON, Rachel. *Primavera silenciosa*. Op. cit.,

vicioso no qual as árvores, dada a progressiva redução do seu número, ofereciam cada vez menos proteção às populações aviárias; estas, por sua vez, deixavam de exercer seu importantíssimo papel no ecossistema, disseminando sementes, polinizando as flores e fertilizando o solo com suas fezes, aumentando ainda mais a carga sobre uma já exaurida floresta. Certamente a superpopulação de ratos também cobrou seu preço, consumindo ovos e filhotes numa velocidade superior à sua capacidade de reprodução. As colônias de mais da metade das aves marinhas que nidificavam na ilha, expostas à caça abusiva, deixaram de existir.

Mesmo os crustáceos marinhos foram superexplorados, e os cauris (gastropodes carnudos semelhantes aos búzios) se extinguiram devido à pesca excessiva. No século XV, os ossos dos cetáceos desapareceram dos registros arqueológicos: sem troncos de árvores para fazer as canoas e com as costas acidentadas demais para pescar a partir delas, os rapanui perderam o acesso à sua mais importante fonte de carne.

Os rapanui não se aperceberam da destruição que os cercava? Possivelmente sim:

Os habitantes da Ilha de Páscoa (...) devem ter percebido que até a sua existênciadependia das fontes limitadas daquela ilha. Afinal, a ilha era pequena o suficiente para que pudessem percorrê-la a pé em um dia, e perceber por si mesmos o que acontecia com as florestas. Mesmo assim, não eram capazes de encontrar um sistema que lhes permitisse descobrir o equilíbrio correto para o seu meio ambiente. (...) Na verdade, ao mesmo tempo em que os limites da ilha devem ter ficado completamente aparentes para eles, parece que a competição entre os clãs para a posse do resto da madeira intensificou-se, pois foram esculpidas mais e mais estátuas nesse período”²⁸

p. 96. A autora não se referia a Rapa Nui, mas sim às cidades norte-americanas; e embora na ilha longínqua a extinção não tenha sido rápida, não deixou de ser insidiosa. Em poucos séculos, um piscar de olhos em termos de História ambiental, os pássaros da ilha de Páscoa estavam silenciados. Este silêncio custaria muito caro aos seus perpetradores.

²⁸ PONTING, Clive. *Uma História verde do Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995, pp. 28-29.

De fato, enquanto que a altura média dos *moai* colocados nos *ahu* é de 6m, uma estátua incompleta, abandonada ainda presa ao leito da rocha, chegaria a possuir cinco vezes esse tamanho uma vez concluída. E não era somente uma questão de tamanho: como a ilha mostrasse recursos aparentemente inesgotáveis (ou, ao contrário, com a percepção de que eles se esgotavam rapidamente), arte dos rapanui se sofisticou, à medida que um clã desejava suplantá-lo. Os *moai* ganharam belos entalhes e foram-lhes acrescentadas coroas (ou toucados, não se sabe ao certo) de pedra vulcânica vermelha, além de olhos feitos de concha e obsidiana meticulosamente talhados.

A tradição oral rapanui preservou, de alguma maneira, a memória dessa *débâcle*:

Aún hoy en día (...) no es raro oír expresar la idea de que la falta de reyes y de su *mana* se debe el que ahyá menos abundancia y que rarisimas veces lleguen ahora tortugas²⁹.

Que as tartarugas tenham deixado de desovar nas (poucas) praias de Rapa Nui não parece estranho, dado o grau de abuso ecológico que se desenrolou por séculos a fio naquela ilha. Todavia, este fragmento revela a vinculação que a tradição oral estabeleceu entre um tempo de abundância e as chefias (os “reis”) de sua ilha. Noutras palavras, uma era de fartura, quando então havia uma sociedade mais organizada.

Uma palavra sobre o *mana*, o elaborado conceito metafísico elaborado pelos polinésios e utilizado pelos rapanui. Era uma força sobrenatural que fazia com que os objetos e seres perceptíveis tivessem aparência e ações reais:

Antes que houvesse espíritos peculiares aos objetos que eles habitam – segundo a afirmação de alguns antropólogos – havia o *mana*, uma força sobrenatural que ajuda o objeto a realizar seu propósito. Assim, quando se lança uma rede de pesca, é seu *mana* que captura os peixes (...). Em certas sociedades, principalmente entre os maoris e os havaianos, a autoridade dos chefes e dos nobres se justifica com base com base em seu acesso ou relação especial com o *mana* ou com alguma forma de poder parecida³⁰

²⁹ ENGLERT, P. Sebastián. *La Tierra de Hotu Matu'a*. Op. cit., p. 48.

³⁰ FERNANDEZ-ARRESTO, Felipe. *Idéias que mudaram o mundo*. São Paulo: Arx, 2004, pp. 26-27.

Para as chefias polinésias – maoris, havaianas, rapanui – as lideranças se legitimavam através da sua relação com o mana, e tal relação era percebida, como se infere a partir do trecho da lenda, também pelo equilíbrio entre homem e natureza. Enquanto as plantas floresceram, os peixes pulularam no mar e as aves retornavam aos seus ninhos, os chefes ilhéus estiveram seguros em suas posições.

As lendas rapanui preservaram com notável precisão os efeitos do colapso ecológico em sua sociedade. A estrutura tribal desabou, e teve início um período de guerras intestinas que durou séculos. A construção dos *moai* cessou completamente em finais do século XIV – na verdade, a maior parte deles foi simplesmente abandonada na pedreira de *Rano Raraku* ou mesmo ao longo das estradas para os *ahu*. Vários instrumentos foram encontrados ao lado das estátuas, como se os escultores tivessem, simplesmente, ido embora.

Para suprir as perdas com a catástrofe ambiental, os ilhéus intensificaram seus cultivos de cana de açúcar e a criação do único animal doméstico que possuíam: as galinhas. A partir do século XV começaram a ser construídas as *hare moa*, círculos de pedra com um caritó interno para onde eram as aves eram levadas à noite. Como não havia predadores naturais na ilha, supõe-se que tais estruturas eram necessárias para evitar roubos, crime que, conforme relatam as lendas, estava em ascensão – indício de uma sociedade em profunda crise alimentar.

A desorganização da sociedade tradicional levou à fragmentação. As lendas falam do advento de raças gordas (*hanau eepe*) em contraposição às raças magras (*hanau momoko*), e de grupos que se distinguiam por seus ornamentos corporais: os Orelhas Compridas, chamados assim por utilizarem extensores em seus lóbulos auriculares, em contraste com os tradicionais rapanui, chamados Orelhas Curtas por não se enfeitarem com tais ornamentos³¹.

No início da Era Moderna (a datação precisa ainda não foi estabelecida) os *matatoa*, antigos chefes militares dos clãs, ascenderam ao poder (provavelmente em substituição ao antigo regime de reis, os

³¹ Cf. ENGLERT, P. Sebastián. *La tierra de Hotu Matu'a*. Op. cit., p. 88.

quais, diante da crise, não mais podiam legitimar-se através do *mana*). É possível que, nessa época, tenha surgido (ou pelo menos tenha sido alçado à preeminência) o culto do homem pássaro (*tangata manu*).

Uma competição extrema, consistia na descida da escarpa do vulcão Rano Raraku, depois nadar até a ilha de Motu Nui para capturar o primeiro ovo posto pelas andorinhas do mar *Onychoprion fuscatus* e depois escalar de volta até a vila de Orongo, que ficava em cima do vulcão.



A imagem acima mostra em primeiro plano a figura do homem pássaro, entalhada na rocha da cratera do vulcão *Rano Raraku*. Mais adiante, vê-se ao fundo a ilha de *Motu Nui*, onde nidificavam as andorinhas migratórias. Cada clã selecionava um jovem para participar dessa competição. Eles, então, eram levados para *Orongo* até o dia da prova. Quem a vencesse levaria seu clã à chefia da ilha durante um ano. Este culto só foi suprimido pelos sacerdotes católicos em finais do século XIX.

A tradição rapanui também se refere ao horror provocado pelos atos de canibalismo durante os conflitos:

Ko Ita, que vivia em *Orongo*, cerca del cráter del *Rano Raraku* tenía en su casa cadáveres de 30 niños que había matado para comerlos. Entre sus víctimas se encontraban los siete hijos de un *hanau momoko*, *Ko Pepe*. Este se volvió loco (...) hasta caer muerto. Sus hermanos se encargaron de la venganza: tomaron sus armas de obsidiana y mataron a los *hanau eepe* en toda la región de *Rano Raraku*, desde *Orongo* hasta *Vinapú* .

Uma outra narrativa relata da insegurança que tomou conta da ilha:

Un hombre, llamado *Ure o Hei* fue un día a Mahatua para cortar con los dientes el cordón umbilical de un niño recién nacido en *Ana o Mú*, en una cueva. Llego, pues y cortó el cordón. Llegaron allí enemigos, los *paoa* le echaron a *Ure o Hei* un cordel por el cuello (...) Mataron a *Ure o Hei*, le cubrieron de hojas de caña de azúcar y lo chamuscaron. Cuando bien chamuscado, lo rasparon, limpiando las partes sucias chamuscadas, encendieron fuego para el curanto y lo cocieron³².

Segundo Diamond, a expressão “a carne de tua mãe está entre meus dentes” tornou-se uma provocação militar comum³³. Da mesma forma, os ossos humanos encontrados nas pilhas de dejetos confirmam estas narrativas.

Estes fatos foram arrumados coerentemente no corpo narrativo das lendas da ilha, uma epopeia de apogeu e declínio, da fundação das colônias polinésias numa terra farta e receptiva na qual prosperaram até a crônica de uma sociedade convulsionada. Corolário desse tempo turbulento, por volta do século XVIII os antigos *moai*, monumentos à antiga ordem social que se esvaíra, foram derrubados das suas plataformas pelos próprios rapanui em guerra. Todas as estátuas que hoje se encontram em pé foram reerguidas modernamente por equipes de arqueólogos.

³² Idem, p. 239.

³³ DIAMOND, Jared. “Easter Island’s end”. Op. cit.

Em questão de poucos séculos, o povo da Ilha de Páscoa destruiu sua floresta, levou suas plantas e animais à extinção e testemunhou sua sofisticada sociedade mergulhar no caos e no canibalismo. Como bem colocou Diamond:

Todos os dias jornais reportam detalhes de países famintos – Afeganistão, Libéria, Ruanda, Serra Leoa, Somália, a antiga Iugoslávia, Zaire – onde soldados se apropriaram da riqueza ou o governo central se submete a gangues locais de bandidos. Com a ameaça da guerra nuclear diminuindo, o risco de nos findarmos numa explosão não mais consegue nos reunir a todos para mudarmos nosso curso. Nosso risco agora é o de fenecer, lentamente, num gemido. Ações corretivas são bloqueadas pelos poderes investidos, por políticos bem-intencionados e líderes empresariais, e pelos seus eleitorados, todos perfeitamente corretos em não perceber grandes mudanças de um ano pro outro. Pelo contrário, ano após ano há um pouco mais de gente e um pouco menos de recursos na Terra (...) Se os poucos milhares de rapanui armados somente com ferramentas de pedra e força física foram capazes de destruir sua sociedade, como os bilhões de terráqueos com ferramentas de metal e munidos de máquinas podem falhar nesse intento? Os rapanui não possuíam livros ou histórias a respeito de outras sociedades condenadas. Diferentemente deles, nós temos historiadores e conhecimento sobre o passado – informação que pode nos salvar. Minha maior esperança para a geração dos meus filhos é que agora possamos aprender com o destino das sociedades como a deles”³⁴.

Recebido em: 28/02/2012

Aceito em: 24/04/2012

³⁴ Idem.